

Convidado a colaborar neste número especial, oferece-se oportunidade, que se não deve rejeitar, para satisfazer a curiosidade de quantos nos perguntam frequentemente : «mas o que era isso do Reino de Maconge» ? !

Porque este Boletim é inteiramente dedicado ao «Reino», parece que convém historiar aos seus antigos estudantes, (velhos «republicanos») nossos antepassados, como se instalou a «monarquia» na Academia por eles criada em 1919.

Ensejo melhor não se depararia para, em ameno prosar, tentar esclarecer os interessados. E apressemos-nos para não provocar prolongamentos desnecessários, que a matéria já estava preparada para um livro de memórias que, um dia, sentirá o calor da luz do sol.

Ora, para se falar na Academia da Húila do nosso tempo, por legítima associação de ideias, temos necessariamente de recordar aquilo que ficou assinalado, na sua história, com a designação de «Reino de Maconge».

«O Reino» nasceu espontâneamente no seio da grande politiquice académica que então, como de costume, fervilhava por causa das eleições para a presidência da Academia.

Os «veteranos», os «crónicos» e os praxistas, de uma maneira geral, choramingavam pelos corredores do Liceu que o «nível» da Academia oscilava desanimadoramente ; que se iam esquecendo tradições e costumes ; que, numa palavra, tudo ameaçava perder-se nas brumas de um Passado glorioso. Esperava-se que alguém chamasse a si o heróico empreendimento de fazer reviver todas as praxes ; que se encontrasse, enfim, o chefe de uma cruzada que convinha prégar para desvanecer a indiferença e o comodismo gerais.

Do desejo veemente de ver concretizados os ideais e aspirações tão forte e decididamente ventilados, nasceu o «Reino de Maconge» que era, para encurtar razões, o agrupamento, devidamente organizado, dos estudantes dos cursos mais adiantados.

«O movimento revolucionário», que geraria o pronto ressurgimento da Academia, incluía manifestações de todas as naturezas : festas académicas, excursões, desportos, serenatas, praxe... e boémia, tendo sempre por vestimenta a capa e batina.

Elaborou-se afanosamente a «Constitui-

O que era o "REINO DE MACONGE"

ção Política do Reino de Maconge»; nomearam-se representantes nas principais cidades, embaixadores, como pomposamente se designavam; elegeram-se os poetas mores (Príncipes da Poesia Macongina) que forjariam «As Macongíadas»; escolheram-se compositores, ensaiaram-se os cantores, elegeram-se músicos oficiais e treinaram-se os atletas.

O rei, por seu turno, dividiu as massas em escalões sociais, conferindo títulos nobiliárquicos, a explorar e a chalacear os «pontos fracos» de cada um. O Gilberto de Oliveira, por exemplo, que tocava violino e tinha a categoria de compositor e ensaiador oficial, era o respeitável Duque das Claves em Ré; o António Duarte Peão Júnior, porque o pai era industrial de calçado, celebrizou-se como o decantado «Bandarra Macongino»; «Magister Equitum Caveirorum», o inconfundível Artur Teles de Carvalho, magrinho, refilão famoso, agarrado sempre ao seu clássico latim e por aí adiante no mesmo tom.

O Ministério, cheio de prestígio, e o venerando Conselho de Estado, com representantes dos nobres, patrícios e plebeus, ponderavam os destinos do Reino, legislavam e assinavam os decretos semanais.

Tudo se movimentou e accionou como se pretendia, porque breve os rapazes se compenetraram de suas funções. . . e a boémia ofereceu seu cáldo e aliciente seio, gerador dos mais excelentes e afamados «chumbos» daquelas gerações.

O breviário, está claro, era o de Coimbra; as bíblias, o «Mata Carochas», o «Pad-Zé» e o «In Illo Tempore», de Trindade Coelho.

A «Constituição Política» redigida por uma comissão especialmente nomeada para o efeito, e onde pontificava o 1.º ministro Armindo Bentubo de Lima, Barão da Bolsa Vazia, decretou normas e directivas rígidas como um cadáver.

Os saudosos Príncipes da Poesia Macongina, Rui Ferreira Coelho e César Paulo da Silva, «raparam» de seus fecundos bestuntos as imorredoiras «Macongíadas», a decantar os efeitos do «reino».

De notar que, após tantos anos volvidos, o primeiro, tem saído sempre laureado dos concursos literários que com a sua presença se têm enriquecido, enquanto que o César Paulo da Silva deixou calar a voz da sua Musa, arrumada que foi a sua lira na velha bagagem das recordações de estudante.

Os mesmos delicados vates pariram também o Hino de Maconge que, como estridentes fanfarras, gritava alegria e juventude.

E ainda da «Beófica Fonte», ambos «beberam», a célebre «Marcha da Rapaziada», assim como um hino guerreiro da boémia que, em noite de serenata, atroava os ares quietos da cidade.

Estas últimas duas peças foram musicadas pelo Gilberto de Oliveira e cantaram-se dezenas de vezes, madrugada alta, com os peitos inçados de amores e o estômago a abarrotar de carrascão e chouriço. Meu Deus, que tragédias naqueles corações e naquelas panças, como diria Eça de Queirós. . .

Feita a «revolução», deposta a «República», estava implantada a «Monarquia» na Academia da Hufla».

É altura de recordar os nomes de alguns dos famosos solistas que cantavam, flagelados pelo ar frio de madrugadas cacimbosas, de almas aquecidas pelas ternuras macias de garrafões esportulados mui dolorosamente por meio de subscrição pública do Reino, ou, com suavidade, arrancados às adegas de estabelecimentos comerciais que aderiam sempre.

O Fernando Hermenegildo, Lino F. Nóbrega, o António Armada Lopes Martins, Joaquim Lopes do Rosário, José Costa Afonso, Emílio Leite Velho, José Maria Correia, são nomes que se alinham entre aqueles cujas vozes românticas,

tantas vezes e tantas noites, embalaram o velho Lubango, adormecido na santa quietude de seus hábitos burgueses. Janelas que se entreabriram num discreto de suspiros bonançosos; cortinas subtilmente afastadas e um volver rápido de olhos adocicados; reboição no Colégio «Paula Frassinetti»...

Essas vozes moças abriram corações e neles, em todos, deixaram depositado o perfume da saudade que hoje nos consome, na invocação de esse arrastar, a desoras, pelas janelas, (e pelas portas) das raparigas mais lindas dessa época que, se não está muito afastada no tempo, distanciou-se e perdeu-se contudo no vaivem das vagas alterosas da Vida.

E o Amadeu Ferrão de Paiva, empregado da mercearia do «velho Venâncio», que colaborava sempre com uma dúzia de metros de linguça que a gente pedia para amostra e reclame?!...

O Scott, avantajada figura de estudante, esse cuidava de comprar 0\$50 de «pó de talco em pó» (como ele pedia ao Sr. Duarte, da Farmácia Central, do velho Victória Pereira), para o licorzinho de aniz, que se fabricava e destilava em meia dúzia de horas, no seu quarto de estudante. Como não havia lá muitos escrúpulos nas destilações, o licor era uma saborosa amálgama de pó de talco, de aniz e de álcool puro. Bem, a receita era do Júlio Victória Pereira, a rapidez do Scott, a «sede» de todos que, mesmo assim, o saboreavam, num ápice, tantas vezes acompanhando uma enternecedora omeleta de ovos subtraídos a deliciosas e populares capoeiras!

Ah, que licor e que malta!...

O Pedro Costa, outro bom «colaborador» da Academia e do Reino «pronunciava-se» doutro modo: sábado à tarde, no seu apartamento, juntava-se meia dúzia que «suecava» e bebia com «regra».

A regra era esta: corte de bisca ou de ás, zás, um copázio virado com uns centímetros de linguça. Se a «partida» tinha início às 2 horas, às 5 já as «renúncias» se atropelavam no engodo de mais um decilitro e de mais umas salsichas, das tais que o Amadeu, aos metros, fornecia para amostra. Às 6 da tarde, mas mesmo às 18, com uma pontualidade de que nem os estômagos, nem os olhos se compadeciam com atrasos de uma fracção de segundo, lanchava-se.

Arredavam-se os baralhos encebados, arregaçavam-se as mangas e fervia então uma actividade espantosa, traduzida num afã que nunca parava, do quarto para a cozinha e da cozinha para a mesa.

Às sete atingia-se o auge da euforia e o plano de uma serenata desenhava-se nos espíritos «esclarecidos» da malta.

Sim, porque «aquilo» acabava sempre numa serenata não oficial, em que se gemia mais do que se cantava.

O Artur Alves, da loja dos «Irmãos Acácios», também nunca recusou os seus préstimos. Avançava com uns inestimáveis torresmos que, com pão da mercearia vizinha, e «vinho da casa» faziam as delícias de saudosas tertúlias que consistiam em lanchar «realmente».

O Abel (um dos irmãos Acácios), no seu tasco, junto à cadeia Comarcã, era outro amigo extremoso da Academia que colaborava e nos facilitava a existência.

E o Palhota, na «Rotunda», sempre na posição de credor, impingia-nos um carrascão intragável que mereceu uma frase, em «latão», qual símbolo da «excelência» do «tintol» que ingeríamos: «vinharum Palhutorum malum fecisset»?!

O Frazão — «Zizi» — mestre em viola, com o Almeida, barbeiro, «virtuoso» em bandolim, mais o Rocha, que improvisava um incrível acompanhamento de colheres de sopa, à laia de «jazz», constituíam um «conjunto musical» que abrilhantava sempre as célebres «lapinhas» do velho Manuel Joaquim.

Mas a vida académica completava-se cultivando o gosto pela literatura, pelas artes, pela filosofia, enfim por tudo quanto pudesse despertar a nossa curiosidade e a sede de saber para copiar os boémios célebres de Coimbra, que também procediam assim.

Tínhamos verdadeiras tertúlias, hoje no quarto de um, amanhã no de outro; quantas vezes reunimos para debater e para discutir o último livro lido ou qualquer outro assunto que caísse sob a nossa atenção.

O Eça deleitava-nos, Guerra Junqueiro entusiasmava-nos, Pittigrilli espeviava-nos a curiosidade, Picasso surpreendia-nos, Nietzsche confundia-nos, Darwin magoava-nos, Einstein esmagava-nos, Freud apaixonava-nos.

Em tardes de calorosas discussões, burilando frases de fino recorte literário, exercitando a agilidade de esgrimir argumentos e de requintar a eloquência, passavam-se horas deliciosas... Cada qual produzia a sua crítica, defendia o seu ponto de vista e o debate prosseguia animoso e ruidoso na discordância que punha, frente a frente, fortes antagonismos, quantas vezes mera atitude literária para provocar polémica acesa e renhida.

A poesia atraía-nos. Decoravam-se os poetas mais sensacionais (José Duro, Gomes Leal, G. Junqueiro, Antero de Quental, Soares de Passos, António Nobre, Camões e tantos outros)! Horas de declamações vibrantes aqueciam-nos a alma onde sempre um amor secreto segredava endeixas!...

Uma eloquência, estudada e rebuscada, fomentava e cultivava aquilo que se pretendia para deslumbrar os «futricas», — o dom da palavra! Assim, empolgáramos os circunstantes dos baptizados e dos casamentos para que éramos sistematicamente convidados com o objectivo de os «animar» e de felicitar, em tiradas quentes de oratória académica, os pais ou os noivos, conforme as conveniências.

Depois declamava-se poesia idílica e amorosa, adaptada ao momento. Caramba, nunca falhámos!

Como era bom, em tardes de quieta fisionomia, de discreta amenidade, (como aquelas das vésperas dos feriados), saborear, em cavaqueira descuidosa, a companhia de companheiros queridos!

Como era adorável liquidar as horas, uma a uma, com a discussão acesa de um tema qualquer, com a invocação de um episódio jocoso das aulas, com a lembrança de um «estenderete»!

Ó «dolce farniente» de vesperais sornas, agonizando lentamente...

Fumando, «suecando», chalaceando; hoje no quarto do M. da Silva Andrade, depois no meu; como calhava, galhofando, cabulando, doidejando. E o espírito, ajazado ao conformismo daquelas horas simples, liberto de convencionalismos e de formalismos, adejava pelas alturas das fantasias enganadoras, próprias da idade; esgueirava-se subtil, leve, decidido, para pairar, ousado, por vergéis que não podiam ser seus, mas que sabia arrebatar, então com a galhardia e a audácia dos verdes anos!

... Os minutos corriam vertiginosamente; as horas passavam velozes; os meses arregaçavam as mangas aos anos e destruíam, destruíam, iconoclastas, os templos tão carinhosamente erguidos sobre os fumos volúveis dos sonhos fáceis e efémeros!...

A realidade de hoje torna prosaicos os espíritos românticos e inquietos de então; despe despundonoradas fantasias; ensina hirta, a natureza dura e álgida da luta pela vida, luta sem tréguas e sem quartel. Desvanece idealismos pueris; impõe razões de outra ordem mais objectiva. E sem devaneios aponta, severa, deveres a respeitar, destinos novos a cumprir.

Apenas a SAUDADE ficou!

Só, entristecida, envolvida num tropel de recordações que ora se avivam ou esmorecem, que ora vibram ou aquietam, que cantam ditirambos ou segredam alegrias enganosas. . .

Caro leitor :

Era isto, mais ou menos, o Reino de Maconge !

E . . «bem adiente», como dizia o Artur Paulino, o «farrapeiro», figura típica de antanho, carpinteiro que, no nosso tempo, se celebrou muito mais pela boémia do que, pròpriamente, pelo seu mister.

Luanda, Agosto de 1971.

REI DE MACONGE